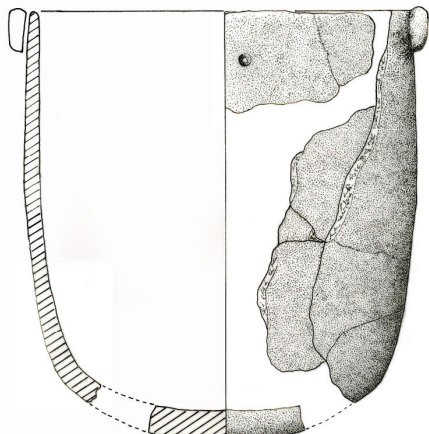


Fragmentos da Paisagem: o pote isolado da Ponte da Azambuja 3



Localização

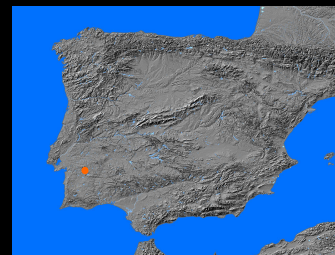
Freguesia: Monte do Trigo

Concelho: Portel

Distrito: Évora

Coordenadas (Datum Lisboa): M – 236310,63
P – 161887,84
A – 166,70

C.M.P. 1:25 000: Folha nº 472



O sítio arqueológico **Ponte da Azambuja 3 (PA3)** foi identificado no âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico, desenvolvidos na empreitada de implementação do Aproveitamento Hidroagrícola de Monte Novo (EDIA, S.A.). Durante a abertura de uma vala, foi registado um recipiente cerâmico a cerca de 4m de profundidade, na cota de base da vala. Afim de se registar e caracterizar os níveis arqueológicos observados, bem como de se determinar a existência e grau de conservação dos contextos estratigráficos, foi implantada uma sondagem de 2x2m.

Descrição estratigráfica:

[101] – depósito de formação natural, constituído por sedimento de matriz arenosa, solto a semi-compacto, muito heterogéneo. Apresenta coloração castanho - clara e nas zonas mais argilosas torna-se mais escura e acinzentada. Tem escassos elementos pétreos de pequena dimensão e não apresenta qualquer tipo de materiais ou níveis arqueológicos associados. Cobre a [102]

[102] – depósito de formação natural, caracterizado como nível de cascalheira. Sedimento argiloso, castanho-acinzentado, com zonas mais escuras, semi-compacto e muito plástico. Apresenta abundantes elementos pétreos (quartzo, granito e grano-diorito) de várias dimensões, sendo mais frequentes os pequenos e médios. Sem níveis ou materiais arqueológicos. Cobre a [103] e a [104].

[103] – depósito de formação natural, constituído por sedimento de matriz areno-argilosa, solto a semi-compacto, muito heterogéneo, sendo constituído por uma sucessão de camadas muito finas arenosas e outras mais argilosas. Apresenta coloração castanho - clara e, nas zonas mais argilosas, torna-se mais escura e acinzentada. Tem escassos elementos pétreos de pequena dimensão. Ao centro encontram-se os fragmentos de cerâmica manual, que correspondem ao pote. Cobre a [105]

[104] – recipiente cerâmico que foi colocado *in situ*, no momento de formação do topo da [103], não fazendo assim parte desta, estando coberto pela [102] e assentando na [103]. Encontrava-se fragmentado mas em conexão, correspondendo todos os fragmentos cerâmicos ao mesmo recipiente, não existindo qualquer outro tipo de material arqueológico associado. Não foi identificado qualquer tipo de fossa ou depressão antrópica onde o recipiente pudesse ter sido colocado.

[105] – depósito de formação natural, caracterizado como nível de cascalheira, idêntico à [102]. Sedimento argiloso, castanho-acinzentado, semi-compacto e muito plástico. Apresenta abundantes elementos pétreos (quartzo, granito e grano-diorito) de várias dimensões, sendo mais frequentes os pequenos e médios. Sem níveis ou materiais arqueológicos associados.



Geomorfologicamente, o sítio implanta-se em plena peneplanície alentejana, unidade fundamental do relevo, encontrando-se, nesta zona, levemente dissecada pela rede hidrográfica.

A área de implantação do sítio Ponte da Azambuja 3 corresponde à **bacia hidrográfica do Rio Guadiana**, sendo o principal curso de água daquela região o Rio Degebe. A ribeira da Azambuja, afluente do rio Degebe, é a linha de água mais próxima, encontrando-se a escassos metros do sítio arqueológico, correspondendo ao elemento geográfico a que o sítio está directamente relacionado.

A escavação arqueológica revelou a existência de um depósito arqueológico *in situ*. O recipiente cerâmico foi colocado próximo da margem da ribeira da Azambuja ou na margem de outra pequena linha de água anteriormente existente neste local, numa deposição intencional revelada pela sua posição. O enquadramento crono-cultural da realidade registada na PA3 encontra diversas limitações ao nível da sua caracterização, pois a área intervencionada corresponde à zona de minimização de impacto da obra. É uma área restrita do ponto de vista arqueológico correspondendo a um espaço aleatório que pode não corresponder a um contexto arqueológico integral. Esta limitação do ponto de vista espacial condiciona a interpretação dos níveis arqueológicos observados. O contexto geomorfológico do sítio intervencionado torna-se, desta forma, essencial para a sua compreensão. O recipiente cerâmico encontrava-se a uma cota muito inferior do topo do terreno actual, coberto por um sucessão de camadas aluvionares.

O vaso da PA3 caracteriza-se como um vaso de paredes rectas com um fundo parabolóide ou “quase” plano, de grandes dimensões, estando praticamente intacto na sua composição. Trata-se de um recipiente de produção manual, composto por argilas obtidas no território imediato de captação e exploração de recursos, a julgar pela elevada quantidade de elementos não plásticos de cariz marcadamente regional. Ao nível da temática de técnicas e padrões decorativos, o vaso tem presente, sobre o bordo, dois elementos de prensão atestados por dois mamilos cónicos. Nas paredes, o recipiente encontra-se totalmente liso.

As características formais remetem-no para um espaço crono-cultural inserido na Pré-História recente do actual espaço peninsular, embora uma abordagem científica ao contexto onde foi identificado permita colocar propostas com balizas cronológicas mais estreitas. Uma das leituras possíveis pode remeter este recipiente para o povoado Ponte da Azambuja 2, que se encontra a cerca de 150m deste achado. Trata-se de um povoado com fossos que terá um horizonte cultural que o insere no Neolítico final. Em termos tipológicos, o vaso da PA3 encontra paralelos em sítios desta cronologia. No entanto, no registo artefactual da Ponte da Azambuja 2 não se observaram recipientes de dimensões semelhantes ao da PA3.

O vaso da PA3 surge num contexto, embora de difícil definição, bem característico do actual território português. Recipientes isolados, aparentemente sem outros materiais ou elementos estruturais associados, próximos de linhas de água ou de zonas pantanosas e alagadiças, são comuns no registo arqueológico do Neolítico antigo no centro e sul de Portugal. Os vasos mais conhecidos e rapidamente identificados como enquadrados com o Neolítico antigo provêm de contextos semelhantes ao do vaso da PA3. Neste conjunto estão representados os vasos de Santarém, Cartaxo, Casével, Monte da Vinha e São Julião. No geral, foram encontrados de forma fortuita, em épocas distintas da investigação arqueológica em Portugal, o que terá contribuído para o parco conhecimento do contexto arqueológico e geomorfológico que os envolveria. Esta realidade também encontra paralelos em outras zonas da Europa, associadas ao neolítico antigo, como em Ensunès, Marselha e na Dinamarca.

Que realidade social demonstra esta acção de se colocar um vaso de forma isolada? Que significado simbólico estará implícito nesta acção? Será uma constante das populações do Neolítico antigo? Se assim for, será uma lacuna meramente arqueográfica que impede a identificação de realidades semelhantes?

